

## Reseña<sup>1</sup>

# Un Enfoque Psicopolítico de las Políticas Públicas

Alessandro Soares da Silva<sup>2</sup>

Obra: Psicología Política  
Editora: UCR  
Ciudad: San José, Costa Rica  
ISBN: 978-9968-936-78-1  
Autora: Mirta González Suárez  
Páginas: 260

Poucos são os livros no campo da Psicologia Política que superam a necessidade de apresentar-se como um manual no qual temas clássicos e contemporâneos são apresentados como questões de interesse e mesmo definidores do que sejam os estudos psicopolíticos. E é por essa razão que o livro de Mirta González Suárez intitulado *Psicología Política* merece destaque.

A autora foi professora titular (catedrática) da Escola de Psicologia da Universidade da Costa Rica e é uma destacada feminista e militante nas causas de direitos humanos. Na faculdade de Psicologia ministrou entre outras disciplinas a de Processos Políticos e a de Psicologia Social.

A obra foi publicada em 2008 pela editoria da Universidade da Costa Rica e merece atenção dos/das estudiosos/as dedicados às políticas públicas e participação cidadã desde uma perspectiva crítica resultante de experiências acadêmicas e de militância da própria autora. Poderíamos dizer que sua obra resultou em um texto acadêmico competente e que nem por isso afasta-se de leitores que não estejam letrados “nos mistérios da academia”. De leitura fácil e didática, a obra de Mirta González Suárez vem ampliar os esforços de autores como Silvia Lane (1984), Ignacio Martin-Baró (1985), Maritza Montero (1987), Ignacio Dobles e Vilma Leandro (2005), Graciela Mota Botello (1990, 1999), Luis Oblitas Guadalupe e Ángel Rodríguez Kauth (1999) e outros que se dedicaram em construir uma dada matriz latinoamericana de pensamento e ação política a partir do materialista histórico.

Desde essa perspectiva, a autora procura conduzir seu/sua leitor/a à análise e caracterização de fenômenos políticos, ao exercício crítico sobre o poder e as relações de poder, a uma compreensão mais aguda do que seja a violência estatal e estrutural que oprimem a sujeitos e lhe dificulta o constituir-se enquanto sujeitos políticos e da política. Nesse caminho, ela deixa claro que

---

<sup>1</sup> Recibido: 05/Abril/2013. Aceptado: 05/Julio/2013.

<sup>2</sup> Editor da Revista Psicologia Política [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_serial&pid=1519-549X&lng=pt&nrm=i](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1519-549X&lng=pt&nrm=i). Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Política, Políticas Públicas e Multiculturalismo [www.each.usp.br/gpsipolim](http://www.each.usp.br/gpsipolim). Escola de Artes, Ciências e Humanidades - Universidade de São Paulo - [www.each.usp.br](http://www.each.usp.br)

nem tudo que se propõe como saída para a superação das desigualdades geradas no capitalismo são realmente libertadora e propiciadoras de autonomia e emancipação, sobretudo aquela que nascem desde óticas anti-marxistas.

Uma das virtudes desta obra é o fato de estar dirigida à produção da consciência cidadã que permite a cada qual ser mais que um indivíduo apassivado e tornar-se um ser ativo, que efetiva sua participação política em prol da democracia e das maiorias que são minorizadas mediante ações de poder que visam beneficiar parcelas ínfimas da população. No decorrer das páginas do livro fica claro a importância que a noção de justiça tem para a obra e para sua autora.

A justiça é, destarte, um fenômeno social e um principio orientador da ação humana consciente, pois se dirige ao sujeito da ação imerso na vida cotidiana a ser revolucionada, a ser transformada (Heller, 1998) e, assim, inserido em diferentes conjunturas sociopolíticas. Enfatizamos que ao afirmarmos que justiça é um elemento central na obra, pretendemos destacar que, para nós, seu objeto são os cidadãos as cidadãs comprometidos com o que se costuma chamar justiça social. O livro constitui-se num espaço de reflexão e formação cidadã, em um instrumento no processo de luta por uma sociedade mais igualitária, em um aponta a quem deseja refletir e preparar-se para lutar por uma sociedade mais equitativa e inclusiva desde determinados princípios éticos.

González Suárez inicia seu livro a partir de uma não muito longa discussão a cerca da psicologia política de modo a deixar claro que essa não é uma subdisciplina da psicologia, mas um espaço de fronteiras, um campo que se constrói desde a interdisciplinaridade e que tanto a ciência política quanto a psicologia social tem muito a contribuir. Apesar disso, alguns ainda podem interpretar, pelo fato de a autora ser psicóloga, que ela procurou contribuir para a consolidação de uma vertente da psicologia com base no materialismo histórico. Efetivamente não se resume em uma obra da psicologia Histórico-cultural ou Sócio-histórica. O Livro supera essa limitação deixando entrever o papel da interdisciplinaridade em processos de mudança social. E em certa medida contribui para que a psicologia, ao menos parte do conhecimento “psi” se torne mais interdisciplinar, mais parte da área das ciências sociais.

Nesse movimento, a autora tece sua crítica à psicologia que se centra no, e apenas no, indivíduo para proporcionar-lhe saúde mental. Para ela essa postura é frágil e peca por não reconhecer a dimensão coletiva da saúde e que depende de muito mais do que apenas conhecimentos “psi”. Para a autora há que se encarar a saúde mental coletiva, pois relações de poder e sociais afetam e atravessam a vida desse sujeito objeto da atenção psicológica. De outra forma, a psicologia corre o risco de apenas contribuir para um processo nefasto de *culpabilização* das vítimas do sistema. Em rescente artigo a autora destacou acerca desta obra que “Psicología política no es simplemente un área más de la Psicología, sino que constituye un interés transversal

que procura, por medio de la incidencia en los diversos ámbitos de poder, el desarrollo de la salud mental de la población” (González Suárez, 2012: 168).

Claro está que a compreensão dos acontecimentos políticos sobre nossas vidas é estratégico para a sobrevivência humana em um mundo marcado pela competição e jogos de poder. Quase como um ato contínuo, fica clara a necessidade de se realizar uma análise permanente do que supostamente sejam “verdades”, com o fim de superarmos procedimentos criados para enganar e garantir a submissão cordata à autoridade.

Dito de modo mais claro, o livro da professora González-Suárez está preocupado com debater Políticas Públicas, pois é por meio delas que Estado e cidadão fazem viva a *Scienza do Governo* (Le Bon, 1921). O livro discute em um primeiro momento a questão do poder e da educação para o poder. Num segundo, dedica-se às possibilidades de agir político dos atores que se envolvem com políticas públicas e, de modo especial, com a ação do cidadão que se assume como sujeito político e, finalmente, dedica-se a discutir políticas públicas na perspectiva de transformar a sociedade na qual está inserido. Nesse sentido, a obra tem um fundo bastante militante e comprometido, pois, com sua linguagem simples e objetiva, procura aproximar-se dos atores sociais que se encontram atuando na vida cotidiana para produzir mudanças sociais. Segundo ela,

“A crença de que as ações devem provir desde o Estado, sem a participação dos grupos interessados; Falta de representatividade dos grupos menos privilegiados nos setores de poder donde se definem prioridades e se distribuem os recursos públicos; Restrição de dados para que as organizações participem com pleno conhecimento na priorização, desenho e controle da implementação e avaliação (...) Predomínio dos interesses de eficiência econômica ao omitir a justiça social e os direitos humanos” (González-Suárez, 2008:214).

Como não poderia deixar de ser, Mirta busca apresentar formas de incidir nas políticas públicas sorteando o intrincado caminho burocrático e legal estatal com vistas a promover o desenvolvimento de um estado social de direito.

Uma novidade do livro é que González Suárez (2008) reivindica como figuras protagonistas na Psicologia Política a Paulo Freire (2002) e a José Carlos Mariátegui, o que intensifica seu olhar marxiano da sociedade e das relações humanas. Mas não só. Ela também realiza uma virada geopolítica que retira a psicologia Política de certa dependência de um eixo estadunidense ou um europeu, fortalecendo o emergente eixo latinoamericano.

A autora dá continuidade ao debate ao questionar o sentido das pesquisas científicas e o uso do mito da cientificidade baseada na ideia de neutralidade. Ao denunciar a manutenção da falácia da neutralidade científica, ela demonstra como essa postura apenas esconde as relações de poder

presentes em todo o processo científico. Da escolha dos temas à formulação das questões a serem investigadas há intenções e interesses, os quais transmitem e reproduzem formas de opressão (Deleule, 1972). O machismo e o racismo são mascarados, ficam protegidos sob o manto da neutralidade. Ficam invisíveis e autorizados a orientar ações pró-sistemas de dominação-exploração (Safiotti, 1987). Mas mascaram-se também as origens sociais e econômicas dos problemas sociais, o que garante a segurança e estabilidade do sistema. Estão protegidos o Estado e as grandes empresas, pois a culpa é, em última instância, do próprio indivíduo. Daí nasce os justificantes de um suposto fatalismo latino-americano que só serve para a manutenção de um sistema opressor de poder.

Mirta se associa àquelas e aqueles que veem na ação do cientista uma ação que necessariamente deve transformar a realidade e, portanto, deve ser comprometida e não neutral (Deleule, 1972; Lane, 1984; Montero, 1987; Martín-Baró, 1991; Dobles e Leandro, 2005; González Suárez, 2009). O intelectual inevitavelmente se posiciona ou pela manutenção do *status quo*, ou pela transformação social comprometida com a superação da dialética da exclusão-inclusão. Sua posição está deveras marcada: não é justo ou mesmo lícito que um que quem constrói o campo desde a perspectiva da mudança social atuem em campanhas políticas comercializando candidaturas a partir da construção artificial desses sujeitos, sobretudo quando estes encontram-se a serviço de regimes ditatoriais.

É preciso, antes de tudo que se tenha discernimento frente ao poder e suas manifestações. É preciso discernir ideologização inerente a ele, o que exige do/da analista uma capacidade de superar o óbvio e manifesto, de modo a permitir un posicionamento consciente que impele à ação política que permite a transformação da qualidade de vida de imensas maiorias.

Ao analisar o fenômeno das relações de poder, Mirta González Suárez (2008, 2009) mostra, por um lado, os limites na origem e atualidade da democracia e como os movimentos organizados contribuíram para o alargamento das liberdades políticas e econômicas e, por outro, como são utilizadas técnicas de manipulação de modo a perpetrar um *status quo* que debilita a participação política popular.

Fica claro e evidente que a autora possui uma intencionalidade científica, um projeto político de caráter libertador e democrático. Ainda que seja crítica ao sistema, ela transmite ao/a leitor/a esperança e otimismo. E isso é fundamental em um tempo no qual a participação cidadã se vê debilitada, pondo em perigo a própria democracia e o exercício democrático como tal. Em um tempo no qual a indiferença, a incredulidade e a degradação da política desestimulam a participação popular, a leitura do livro é um momento de refazer-se e reposicionar-se para que não permitamos que a política seja usurpada das mãos dos cidadãos e cidadãs para um uso egoísta e em benefício próprio.

Para Mirta, a democracia precisa e pode ser aperfeiçoada e seus problemas só podem ser solucionados com o aprofundamento das práticas democráticas, com mais democracia. E para contribuir nesse processo a autora brinda aos/as leitores/as com uma proposta de método de análise que possibilita “re-conocer” a manipulação política, permitindo a quem tome consciência de sua situação, condição de classe formular táticas e estratégias para estabelecer as lógicas de resistências.

O livro se centra em processos sociais e nem tanto em teorias políticas voltadas à ação reivindicativa e deixa patente a existência dum forte compromisso com a mudança social. Quem sabe por esta razão a autora tenha dado particular relevância às práticas do Estado contra a população e em especial ao chamado “terrorismo de Estado” que tem sido usado para criminalizar aos movimentos sociais. Muitos são os governos (inclusive os dito democráticos) que usam do terrorismo de Estado seja direta ou indiretamente, contra a população. Nessa perspectiva, a obra de Mirta é um verdadeiro diário de campo que memorializa as práticas políticas de movimentos sociais que desejam transformar a política e as políticas públicas ao passo que resistem a velhas práticas de manipulação. E isso é deveras importante, sobretudo quando nos damos conta de que vivemos em uma América Latina que só recentemente começa a enfrentar os horrores de um passado doloroso e triste: as ditaduras e as marcas que elas deixaram.

A autora destaca o papel do *empoderamento* cidadão mediante a apropriação de espaços participativos no campo das políticas públicas. Para alguns isso pode ser uma fraqueza, pois tais políticas se constroem no âmbito do possível e não no plano da ruptura total com o sistema capitalista. Quem sabe por essa razão Mirta tenha dito na introdução de seu livro que ele era uma espécie de “manual de sobrevivência”. As saídas que políticas públicas participativas possibilitam ao cidadão e a cidadã na contemporaneidade são em certa medida um espaço de possível ação contra-hegemônico, mas que segue sendo um espaço marcado pela fragilidade da sociedade civil e dos movimentos sociais frente aos grandes interesses. Ainda assim, Mirta investe na ideia de que é necessário ocupar estes espaços como forma de luta e resistência. Algumas de suas posições nos fazem pensar em uma certa tendência gramsciana de leitura da realidade.

É indubitável que uma marca da obra de Mirta é a utópica. Mas não uma utopia qualquer. Não uma utopia marcada pela inação ou mesmo pela ideia de sonho. É uma utopia que deseja fortemente materializar-se mediante ações cotidianas paupáveis e que são confundidas por que seja mais incauto com reformas. Não. A nosso ver a obra de Mirta González Suárez traz a marca de quem sempre esteve a frente de muitas lutas, que fez de sua vida um permanente espaço dialético comprometido com a justiça e a transformação desta sociedade marcada pelas desventuras de um sistema que traz em si mesmo a marca da exclusão. Nesse cenário, a obra que aqui apresentamos se consolida como um passo a mais na construção da Psicologia Política Latinoamericana e como um sopro de esperança a todas e todos que dia a dia lutamos por *um outro mundo possível*.

## Referencias

- Freire, Paulo. (2002). Cartas a quienes pretenden enseñar. México D. F., México: Siglo XXI.
- Deleule, Didier. (1972). La psicología, mito científico. Barcelona: Anagrama.
- Dobles Oropeza, Ignacio., & Leandro Zuñiga, Vilma. (2005). Militantes: la vivencia de lo político en la segunda ola marxista en Costa Rica. São José: EDUCR.
- González-Suarez, Mirta. (2008). Psicología Política. San José, Costa Rica: Editorial UCR.
- González-Suarez, Mirta. (2009). Psicologia politica para a democracia, os direitos humanos e desenvolvimento acadêmico: partilhando as experiências de Costa Rica. *Psicologia Política*, 9(18), pp. 237-257. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2009000200005&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2009000200005&script=sci_arttext)
- González-Suarez, Mirta. (2012). Psicología política: aportes a los derechos humanos de Costa Rica. *Revista Costarricense de Psicología*. 31(1-2). pp. 165-189. Disponível em: [http://www.revistacostarricensedepsicologia.com/articulos/vol31/8\\_RCP-Vol.31-No1-2.pdf](http://www.revistacostarricensedepsicologia.com/articulos/vol31/8_RCP-Vol.31-No1-2.pdf)
- Lane, Silvia. (1984). *Psicologia Social. O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- Le Bon, Gustave. (1921). *Psychologia Política*. Rio de Janeiro: Garnier.
- Martín-Baro, Ignacio. (1985). Entre el individuo y la sociedad. *Acción e Ideología. Psicología Social desde Centroamérica*. San Salvador: UCA. Editores.
- Martín-Baró, Ignacio. (1991). El Método *Psicología Política*. Em Montero, Maritza (comp.) *Acción y Discurso. Problemas de Psicología Política en América Latina*. Caracas: Panapo. pp. 39-58.
- Montero, Maritza. (ed.) (1987). *Psicología Política Latinoamericana*. Caracas: Panapo.
- Montero, Maritza. (comp.) (1991). *Acción y Discurso. Problemas de Psicología Política en América Latina*. Caracas: Panapo.
- Montero, Maritza. (2010). Fortalecimiento de la Ciudadanía y Transformación Social: área de encuentro entre la Psicología Política y la Psicología Comunitaria. *PSYKHE*, vol. 19, nº 2, pp. 51-63.
- Montero, Maritza., & Dorna, Alejandro. (1993). La Psicología Política: una disciplina en la encrucijada. *Revista Latinoamericana de Psicología*, año/vol. 25, nº 001, pp. 7-15.
- Mota, Graciela. (1990). *Cuestiones de Psicología Política en México*. Cuernavaca: Universidad Nacional Autónoma de México/Crim.
- Mota, Graciela. (ed.) (1999). *Psicología Política del Nuevo Milenio. Una ventana a la ciudadanía*. Cidade do Mexico: Somepso-Sep.
- Oblitas, Luis., & Rodriguez Kauth, Ángel. (coord.) (1999). *Psicología Política*. México: Plaza y Valdez.